

Determinantes das Atitudes dos Profissionais de Saúde face ao Aleitamento Materno

Antónia Queirós¹; Paula Nelas²; João Duarte³; Betty Fernández Arias⁴

RESUMO

Enquadramento: As atitudes dos profissionais de saúde exercem influência na decisão de amamentar (CALDEIRA et al., 2007) estando estas atitudes relacionadas com diversos contextos.

Objectivo: Identificar se determinados contextos (experiência profissional com mulheres que amamentam, duração da amamentação, formação na área do aleitamento, qualidade da experiência na amamentação) influenciam as atitudes dos profissionais de saúde face ao aleitamento materno (AM).

Métodos: Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, descritiva, analítica-correlacional, de corte transversal, onde a colheita de dados foi realizada através de um questionário que inclui as variáveis contextuais em análise e a escala de avaliação das atitudes dos profissionais de saúde face ao AM de MARINHO (2003). Esta escala consta de 43 afirmações que se distri-

buem em três categorias de respostas atitudinais (cognitivas, afectivas, comportamentais) e seis dimensões. A amostra, não probabilística de conveniência é formada por 408 profissionais de saúde (médicos e enfermeiros) a exercer funções em Centros de Saúde e Hospitais de Portugal.

Resultados: Os profissionais que no exercício profissional contactam com mulheres que amamentam têm melhor atitude em relação ao interesse na amamentação. Os que frequentaram cursos sobre o AM no último ano têm melhor atitude que aqueles que não frequentaram. Uma experiência prévia agradável com a amamentação relaciona-se com uma atitude mais positiva no aconselhamento geral sobre o AM, nas crenças sobre o aleitamento, sobre os benefícios da amamentação e acerca dos obstáculos à amamentação. Os enfermeiros e médicos que amamentaram os seus filhos durante mais tempo (13-24 meses) apresentam uma atitude mais positiva em relação ao aconselhamento geral sobre o AM.

Conclusão: Propomos a elaboração de programas que promovam atitudes favoráveis e permitam mudanças no comportamento fomentando desta forma o sucesso do aleitamento materno.

Palavras-chave: Atitudes, aleitamento materno, profissionais de saúde.

¹ Enfermeira com Especialidade em Enfermagem de Saúde Materna, Obstétrica e Ginecológica do CHEDV – Unidade de Santa M^a da Feira.

² Professora na Escola Superior de Saúde de Viseu.

³ Professor na Escola Superior de Saúde de Viseu.

⁴ Enfermeira com Especialidade em Enfermagem de Saúde Materna, Obstétrica e Ginecológica do CHEDV – Unidade de Santa M^a da Feira. Mestre em Enfermagem de Saúde Materna, Obstetrícia e Ginecologia.

SUMMARY

Background: the attitudes of health professionals influence on decision to breastfeed (CALDEIRA et al., 2007), being these attitudes related to various contexts.

Objective: to identify whether certain contexts (professional experience with women who breastfeed, breastfeeding duration, training in the area of breastfeeding, breastfeeding experience quality) influence the attitudes of health professionals in relation to breastfeeding (BF).

Methods: the study of quantitative, descriptive, analytical nature-correlational, cross section, where the harvest data collected through a questionnaire that includes contextual variables in analysis and the scale of assessment of the attitudes of health professionals with regard to BF, from MARINHO (2003).

This scale consists of 43 assertions that are divided into three categories of attitudinal responses (cognitive, affective, behavioral) and six dimensions. The non-probability sample of convenience is formed by 408 health professionals (doctors and nurses) to serve in health centres and hospitals in Portugal.

Results: the professionals in professional contact with breastfeeding women have better attitude regarding interest in breastfeeding. Those who have attended courses on BF in the last year have better attitude than those who have not attended. A pleasant prior experience with breastfeeding is related with a more positive attitude in general advice about BF, beliefs about breastfeeding, about the benefits of breastfeeding and about the obstacles to breastfeeding. The nurses and doctors who breastfed their children for longer (13-24 months) have a more positive attitude in relation to general advice on the BF.

Conclusion: we propose the elaboration of programmes that promote favourable attitudes and allow for changes in behavior by promoting in this way the success of BF.

Keyword: attitudes, breastfeeding, health professionals.

INTRODUÇÃO

A amamentação tem sido influenciada ao longo da história por modas e alterações das filosofias médicas e sócio-culturais. Hábitos diferentes, preconceitos, medos e lendas têm surgido nos mais diversos locais do mundo (LOTHROP, 2000). O acto de amamentar ultrapassa muito o domínio do biológico e alcança territórios psicológicos e sociais, originando nos profissionais de saúde que trabalham nesta área um confronto com as suas crenças e sentimentos face à amamentação.

A investigação nesta área tem contribuído para demonstrar que as atitudes dos profissionais de saúde exercem influência na decisão das mães de amamentar (CALDEIRA et al., 2007). Estes podem persistir e apoiar o processo inicial da amamentação, ou, pelo contrário, pouco apoiam partindo para o aleitamento artificial, às vezes mesmo sem questionar a mulher sobre as suas expectativas neste âmbito. Atitudes intermédias também são observadas.

Atendendo à falta de estudos nesta área, REIFF & ESSOCK-VITALE (1985) desenvolveram um estudo em que avaliaram paralelamente as atitudes e práticas dos profissionais relativas ao aleitamento (natural/artificial) e a percepção das mães face às suas experiências hospitalares após o parto. Como resultado do estudo concluíram que a maioria dos enfermeiros era a favor do AM, considerando que é a melhor forma de alimentar o seu filho. Mais recentemente, num estudo realizado por MARINHO (2003) com o objectivo de investigar as atitudes dos técnicos de saúde em relação ao AM, verificou-

-se a existência de atitudes muito positivas face ao AM entre os profissionais de saúde inquiridos. A maioria dos estudos na área do AM e especificamente do envolvimento dos profissionais de saúde têm optado por incidir sobre as profissões que mais frequentemente estão ligadas a esta prática, médicos e enfermeiros. Segundo NAKANO (2007) os profissionais de saúde das maternidades encontram-se estrategicamente posicionados no espaço social das mulheres, pois regulam a prática do AM baseados em conhecimentos científicos que valorizam todos os benefícios inerentes, nomeadamente fisiológicos, emocionais, nutricionais e imunológicos para a saúde do RN. Esta mais valia é, no entanto, de curta duração pelo facto dos internamentos hospitalares serem breves e insuficientes para a consolidação da prática do AM. Fora da esfera hospitalar, outras influências poderosas, nomeadamente da família, poderão ser exercidas e influenciar a decisão de amamentar, sobretudo por ser já neste período que surgem as dificuldades/barreiras ao AM (PEREIRA, 2004, NAKANO, 2007).

Perante esta problemática, questionámo-nos de se os factores contextuais (experiência profissional com mulheres que amamentam, duração da amamentação, formação na área do aleitamento, qualidade da experiência na amamentação) podem influenciar as atitudes dos profissionais de saúde face ao AM? Para dar resposta a esta questão traçamos como objectivo identificar se determinados contextos (experiência profissional com mulheres que amamentam, duração da amamentação, formação na área do aleitamento, qualidade da experiência na amamentação) influenciam as atitudes dos profissionais de saúde face ao AM.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, descritiva, analítica-correlacional, de corte transversal, onde a colheita de dados foi realizada através de um questionário que inclui as variáveis contextuais (experiência profissional com mulheres que amamentam, duração da amamentação, formação na área do aleitamento, qualidade da experiência na amamentação) e a escala de avaliação das atitudes dos profissionais de saúde face ao AM (EAAPSAM) de MARINHO (2003). Esta escala consta de 43 afirmações que se distribuem em três categorias de respostas atitudinais (cognitivas, afectivas, comportamentais) e seis dimensões (Crenças sobre o aleitamento, Crenças acerca dos benefícios da amamentação, Crenças sobre os obstáculos à amamentação, Importância/interesse em relação à amamentação, Atitudes face à decisão de não amamentar e Aconselhamento geral sobre o AM e orientações referentes aos 10 passos para o sucesso do AM preconizadas pela OMS/UNICEF).

No que se refere ao estudo psicométrico da EAAPSAM, foi calculado o coeficiente de alfa de Cronbach para cada um dos itens e para a escala total (Tabela 1). Os coeficientes alfa de Cronbach para cada um dos itens oscilam de 0,829 a 0,838, sendo que para a escala total foi obtido um alfa de Cronbach de 0,836.

A amostra foi, não probabilística de conveniência formada

Tabela 1 – EAAPSAM: consistência interna (estudo dos itens)

Itens	M	DP	R item-total (s/item)	Alfa de Cronbach (s/item)
1 - O AM não permite ao pai envolver-se no processo de alimentação do bebé	4,45	0,860	0,310	0,832
2 - A maior parte dos bebés necessita de leite artificial para aumentar de peso	4,64	0,673	0,365	0,832
3 - A alimentação com leite artificial é mais fácil para a mãe e bebé	4,39	0,969	0,230	0,835
4 - O AM possibilita o estabelecimento de uma relação mais forte entre mãe e bebé	4,80	0,592	0,255	0,834
5 - O AM é muito doloroso	4,08	0,899	0,241	0,834
6 - Não encorajaria uma mulher a amamentar logo na 1ª meia hora após o parto (parto eutócico)	4,54	0,857	0,260	0,834
7 - Se a mãe está a estudar, é impossível amamentar	4,58	0,573	0,375	0,832
8 - O AM é o mais saudável para a criança	4,89	0,458	0,086	0,836
9 - O AM produz alterações estéticas irreversíveis nos seios	4,17	0,897	0,385	0,830
10 - Sinto-me inseguro(a) em abordar algumas questões nesta área do aleitamento	4,11	1,045	0,358	0,831
11 - O AM é um processo difícil	4,05	1,050	0,235	0,835
12 - As mães muito ansiosas não deveriam amamentar	4,49	0,647	0,483	0,829
13 - O leite materno é o alimento mais adequado e completo para as crianças durante os primeiros meses de vida	4,81	0,735	0,156	0,836
14 - Se uma mulher já decidiu alimentar o seu filho com leite artificial, não tento incentivá-la ao AM	4,27	0,872	0,177	0,836
15 - Sou a favor da amamentação em horário livre	3,96	1,146	0,207	0,836
16 - O AM é embaraçoso	4,51	0,687	0,416	0,830
17 - Irrita-me o facto de algumas mulheres decidirem não amamentar por questões estéticas	2,57	1,209	0,151	0,838
18 - A forma de alimentar o bebé é um assunto que abordo sempre na minha prática profissional	4,35	0,841	0,307	0,832
19 - O AM é emocionalmente mais satisfatório	4,50	0,696	0,304	0,833
20 - Discuto com as mães as vantagens do AM e as desvantagens da introdução precoce de leites artificiais	4,36	0,745	0,343	0,832
21 - Se a mãe trabalha é preferível alimentar o bebé com leite artificial	4,40	0,834	0,429	0,829
22 - Costumo dialogar com outros técnicos sobre questões relacionadas com o AM	3,96	0,863	0,307	0,832
23 - As propriedades imunológicas do leite materno são extremamente importantes para o bebé	4,87	0,400	0,351	0,833
24 - Acho importante investir-se no AM	4,86	0,450	0,289	0,834
25 - Quando uma mulher ainda não se decidiu pelo AM, tento sempre incentivá-la a optar por este método	4,73	0,575	0,385	0,832
26 - Não incentivo uma mulher que desenvolveu uma mastite a continuar a amamentar	3,72	1,058	0,350	0,831
27 - Não considero muito importante informar as mulheres sobre a fisiologia da lactação	4,27	0,873	0,422	0,829
28 - O AM condiciona a liberdade da mãe	3,99	1,071	0,289	0,833
29 - Actualmente a alimentação com leite materno é tão saudável como com leite artificial	4,20	1,093	0,192	0,836
30 - Não me sinto particularmente interessado (a) pela área do AM	4,36	0,918	0,404	0,830
31 - Muitas mães que não querem amamentar são "más mães"	4,23	0,923	0,278	0,833
32 - O conhecimento e a motivação da mãe são essenciais para amamentar com sucesso.	4,58	0,742	0,365	0,831
33 - Compreender os motivos que levam a mãe a não querer amamentar torna-se primordial para promover o AM	4,42	0,826	0,366	0,831
34 - Não querer amamentar é um acto egoísta	3,65	1,050	0,316	0,832
35 - A maior parte das mulheres tem capacidade para produzir leite suficiente para alimentar o seu bebé	4,01	0,970	0,387	0,830
36 - O AM produz modificações negativas na imagem da mulher	4,33	0,858	0,371	0,831
37 - Fico satisfeito(a) quando uma mulher toma a decisão de amamentar	4,58	0,691	0,348	0,832
38 - Se a mulher não inicia o tema amamentação acho que não é necessário falar no assunto	4,16	1,256	0,267	0,834
39 - Sinto-me à vontade quando se fala de AM	4,21	0,862	0,345	0,831
40 - Acho incompreensível não querer amamentar o seu bebé	3,44	1,095	0,233	0,835
41 - Não consigo apoiar uma mulher que não quer amamentar apenas por questões estéticas	3,61	1,097	0,336	0,832
42 - O AM é a melhor forma de alimentar um recém-nascido	4,80	0,555	0,395	0,832
43 - Surpreender-me-ia o facto de uma mãe não saber amamentar	3,75	1,074	0,313	0,832

por 408 profissionais de saúde (médicos e enfermeiros) a exercer funções a nível dos Cuidados de Saúde Primários (Agrupamentos de Centros de Saúde Entre Douro e Vouga II – Aveiro Norte, Agrupamento de Centros de Saúde de Grande Porto IX – Espinho/Gaia e Agrupamentos de Centro de Saúde de Entre Douro e Vouga I – Feira/Arouca) e a nível hospitalar, concretamente nos serviços de Obstetrícia, Ginecologia, Sala de Partos, Pediatria e Neonatologia do CHEDV- Unidade de Santa Maria da Feira.

RESULTADOS

A maioria da amostra é do sexo feminino (82,1%), casada (71,1%) e têm menos de 35 anos (46,1%). Uma percentagem ligeiramente inferior (31,1%) tem mais de 45 anos. O grupo etário dos 35 aos 45 anos é o menos representativo, com 22,8% da amostra.

Atendendo aos determinantes contextuais, relativamente à possibilidade dos filhos terem sido amamentados, constata-se que a maior parte dos inquiridos (66,2%) tem filhos, sendo que a grande maioria (93,7%) destes filhos foram amamentados e 90,1% dos pais afirmam encontrar-se satisfeitos com a qualidade da experiência do AM.

No caso de terem amamentado, a maior percentagem diz respeito aos que amamentaram por um período compreendido entre um mês aos três meses (32,4%). Constatou-se que as percentagens diminuem a medida que o tempo aumenta, sendo que a percentagem menos representativa (15,4%) verifica-se no intervalo entre os 13 e os 24 meses. Por outro lado, aferimos que na presença de mais de um filho, o último filho foi amamentado durante mais tempo em todos os casos.

Já no que diz respeito à decisão de amamentar, observamos que 64,4% dos participantes admitem que foi por vontade própria; ao passo que 33,6% considera que a decisão partiu do casal. Apenas 2% dos inquiridos tomaram esta decisão influenciados pelos profissionais de saúde.

No entanto, a maior parte dos profissionais (42,7%) aconselha o AM ao casal. Uma percentagem ligeiramente inferior (33,1%) aconselha somente à mulher, contudo 22,3% dos profissionais aconselha o AM à família. Também verificamos que a grande maioria dos profissionais (97,3%), no exercício da sua actividade profissional, contacta com mulheres que amamentam.

Relativamente à formação na área de amamentação, verificámos que a maior parte dos profissionais (74,3%) não frequentou no último ano cursos de formação na área do AM. No entanto, os profissionais de saúde afirmam que a instituição/serviço onde exerce actividade profissional promove anualmente formação em AM em 41,7% dos casos. Contudo, poucos profissionais (21,5%) são conselheiros em AM e apenas 7,6% são formadores de AM.

A partir da análise inferencial verificou-se que os profissionais que no exercício profissional contactam com mulheres que amamentam têm melhor atitude em relação ao interesse na amamentação. Os que frequentaram cursos sobre o AM no último ano têm melhor atitude “face à decisão de

não amamentar”, à “importância/interesse em relação à amamentação”, e ao “aconselhamento geral sobre o AM”. Uma experiência prévia agradável com a amamentação relaciona-se com uma atitude mais positiva no aconselhamento geral sobre o AM, nas crenças sobre o aleitamento, nos benefícios da amamentação e acerca dos obstáculos à amamentação. Os enfermeiros e médicos que amamentaram os seus filhos durante mais tempo (13-24 meses) apresentam uma atitude mais positiva em relação ao aconselhamento geral sobre o AM, sendo os que amamentaram durante menos tempo (1-3 meses) os que mostram as ordenações médias mais baixas, ou seja, piores atitudes.

DISCUSSÃO

Na nossa investigação, a formação revelou-se como um factor que influencia a atitude dos profissionais de saúde face ao AM, onde são os profissionais que frequentaram alguma formação sobre o AM durante este último ano, os que mostram uma maior atitude nas sub-variáveis: “importância/interesse em relação à amamentação”, “atitudes face à decisão de não amamentar” e “aconselhamento geral sobre o AM”. Segundo, AZEREDO et al. (2008), a formação permanente dos profissionais de saúde, por meio de cursos e actualizações representa uma acção de extrema importância, porque, além de permitir o domínio das técnicas de amamentação, propicia desenvolvimento ao dialogar permitindo uma comunicação eficaz entre o profissional e a gestante. Inclusive, CARDOSO (2006) realça a opinião manifestada por Arena Ansótegui, membro do *Comité de Lactancia Materna de la Asociación Española de Pediatría*, ao apelar às autoridades académicas para que sejam ministrados de uma forma mais aprofundada os conteúdos teóricos e práticos relacionados com o AM nas faculdades de Medicina, existindo em concreto, um curso de formação de técnicas de AM de acordo com o modelo da OMS durante o período de especialização.

Apesar das demonstradas vantagens relacionadas com a formação dos profissionais referidas em diversos estudos (FALEIROS, TREZZA e CARANDINA, 2006; CALDEIRA et al., 2007; GALVÃO, 2010), constatamos que a percentagem maior (74,3%) dos profissionais de saúde não frequentou no último ano cursos de formação na área do AM. No estudo “Formação em AM e suas repercussões na prática clínica” realizado por GALVÃO (2010) concluiu-se que a formação sobre aconselhamento não é suficiente, sendo necessário o seu maior desenvolvimento. Nesta mesma linha de pensamento, SILVA, SANTIAGO e LAMONIER (2012) afirmam que os profissionais de saúde, apontados como referência na busca de informações, mostram-se mal preparados para atender aos pais. Para CALDEIRA [et al.] (2007) é importante a existência de programas específicos na formação dos profissionais de saúde, de forma a tornar mais efectiva e significativa a participação dos mesmos na melhoria dos índices de AM.

Por outro lado, o facto de, no seu desempenho profissional, os médicos e enfermeiros terem uma intervenção mais activa e um maior investimento nas questões do AM, poderá

reflectir-se nas suas atitudes (MARINHO, LEAL, 2004). Sendo assim, com o intuito de conhecer se os profissionais que têm experiência profissional com mulheres que amamentam apresentam uma melhor atitude face ao AM que aqueles que não têm esse contacto, realizamos um teste U de Mann-Whitney, a partir do qual, verificamos a existência de diferenças estatisticamente significativas na subescala “importância/interesse em amamentação”. Os enfermeiros e médicos que no seu exercício profissional contactam com mulheres que amamentam, apresentam uma melhor atitude face ao interesse na amamentação, se comparados com os profissionais que não trabalham em contacto com as mesmas. Como referem FALEIROS, TREZZA e CARANDINA (2006), os profissionais mais experientes em contacto com as mulheres parecem fortemente convencidos do seu papel na promoção do AM.

Ainda, procuramos identificar se uma experiência prévia agradável ou desagradável na amamentação influenciaria a atitude dos profissionais face ao AM. Para tal realizamos um teste U de Mann-Whitney para verificar a influência desta experiência na atitude dos enfermeiros e médicos face ao AM. Constatamos que uma experiência prévia agradável com a amamentação relaciona-se com uma atitude mais positiva face ao AM, concretamente nas subescalas “crenças sobre o aleitamento”, “crenças acerca dos benefícios da amamentação”, “crenças acerca dos obstáculos à amamentação” e “aconselhamento geral sobre o AM”. No estudo realizado por SANDES [et al.] (2007), intitulado “Aleitamento materno: Prevalência e Factores Condicionantes”, verificou-se que uma experiência de AM positiva influencia favoravelmente na amamentação, concretamente, a decisão da mulher em manter o AM aos três e aos seis meses foi influenciada pela experiência positiva de amamentar.

Se fizermos a análise em função da duração da amamentação, a maior percentagem diz respeito aos que foram amamentados durante um a três meses (32,4%). Apesar das recomendações existentes para que as mães amamentem exclusivamente até aos 6 meses e até aos dois anos como complemento (BRITTON et al., 2008), diversas investigações (HORTA et al., 2007; COELHO, 2010) demonstram que esta não é a realidade existente, sendo que a duração exclusiva e total do AM permanece abaixo do que é recomendado pela OMS. Resultados similares aos por nós referidos foram encontrados por COUTINHO e LEAL (2005), que verificaram que a quase totalidade das mulheres que tiveram filhos amamentaram-nos, contudo, o tempo de duração da amamentação é inferior àquele que seria desejável. SANDES [et al.] (2005), também constataram que à saída da maternidade, 91% das puérperas amamentavam o seu filho (77,7% em exclusividade) tendo esta percentagem diminuído para 54,7% aos três meses e 34,1% aos seis meses. Segundo AUGUSTO, SOUZA (2007), estudos de base populacional revelam baixas prevalências de AM exclusivo aos seis meses de vida e destacam que o abandono dessa prática ocorre de forma mais acentuada logo nos primeiros três meses de vida.

Tendo em consideração, dados estatísticos apresenta-

dos no curso de conselheiros em AM em Portugal (2007), a média portuguesa das mulheres que prosseguem a alimentação do bebé com leite materno até aos seis meses é de 34%, uma das percentagens mais baixas entre os 29 países estudados. Resultados preliminares deste estudo mostram que nas cinco maiores Maternidades do grande Porto (Geração XXI) 90% das mães iniciam o AM, sendo que 50% desistem da amamentação durante o primeiro mês e aos seis meses 39,7% das mães amamentam os seus filhos e desses só 23% fizeram AM exclusivo. Como afirmam MINAGAWA [et al.] (2005), o perfil do AM ainda se encontra distante da recomendação da OMS, necessitando da intensificação de acções de incentivo e apoio no AM.

Para conhecer a influência da duração da amamentação na atitude dos profissionais face ao AM, realizamos um Teste de Kruskal-Wallis, através do qual verificamos, diferenças estatisticamente significativas na subescala “aconselhamento geral sobre o AM”, sendo que são os profissionais de saúde que amamentaram os seus filhos durante mais tempo (13-24 meses) os que apresentam uma atitude mais positiva em relação ao aconselhamento geral sobre o AM. Em contrapartida, são os profissionais de saúde que amamentaram durante menos tempo (1-3 meses) os que mostram ordenações médias mais baixas nesta subescala. Como referem FALEIROS, TREZZA e CARANDINA (2006), um dado interessante parece ser a experiência pessoal do próprio médico ou de seu cônjuge com AM o que possibilitaria uma abordagem mais consistente do assunto por eles com as suas utentes.

Retomando a nossa investigação, observamos que na presença de mais que um filho, o último filho foi amamentado durante mais tempo. Segundo FALEIROS, TREZZA e CARANDINA (2006), as mães desmamam mais precocemente os primogênitos e mantêm o AM tanto mais prolongado quanto maior o número de ordem da criança na família. Para estes autores, a razão estaria relacionada à insegurança da mãe, mais jovem e com menor grau de instrução e menos experiência de vida.

No que se refere ao aconselhamento do AM, a maior parte dos profissionais aconselha o AM ao casal, 33,1% apenas à mulher, no entanto 22,3% aconselha o AM à família. Perante esta realidade, SUSIN, GIUGLIANI e KUMMER (2005) ao estudar a influência dos avós no AM, verificaram que estes podem influenciar negativamente na amamentação, tanto na sua duração quanto na sua exclusividade. Estas autoras afirmam que esta informação pode ser útil no planeamento de estratégias de promoção do AM. Para RAMOS e RAMOS (2007), as crenças quanto à amamentação passadas de geração em geração têm maior impacto no primeiro parto, fazendo com que as mães introduzam mais precocemente outros alimentos, o que induz posteriormente ao desmame. Num estudo realizado por FRANÇA [et al.] (2008), constatou-se que a coabitação com a avó materna da criança mostrou-se associada ao uso de biberão tanto aos sete quanto aos 30 dias de vida. Por estes motivos, para PINTO (2008) é crucial a inclusão da família como alvo das intervenções na promoção

e protecção do AM, através dos elementos que exercem influência no espaço social da mulher e na sua tomada de decisão, como é o caso do pai/companheiro e dos avós.

CONCLUSÃO

Propomos a elaboração de programas formativos que promovam atitudes favoráveis e permitam mudanças no comportamento. Salientamos, a importância de investir na formação dos profissionais em AM que permita a uniformização da linguagem, a qual favorecerá a relação de ajuda com a lactante, evitando informações díspares entre os diferentes profissionais. A criação de políticas institucionais que possibilitem aderir à Iniciativa Hospital Amigo dos Bebés (nível hospitalar) ou Unidades de Saúde Amigas dos Bebés (Cuidados Saúde Primários) deve ser incentivada. É necessária uma adequada e recíproca articulação entre os Cuidados de Saúde Primários e os Hospitais que facilitarão uma continuidade de cuidados. Também, todas as Unidades de Saúde devem proceder mensalmente ao registo do AM na base de dados disponível no site da Direcção Geral de Saúde, de forma a permitir a correcta monitorização do AM e artificial.

BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO, Rosângela Aparecida; SOUZA, José Maria Pacheco de – *Crescimento de crianças em aleitamento materno exclusivo no primeiro semestre de vida*. Rev Paul Pediatr. [Em linha]. Vol. 17, nº.2 (2007), p. 01-11. [Consult. 23-03-2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v17n2/01.pdf>>
- AZEREDO, Catarina Machado [et al.] – *Percepção de mães e profissionais de saúde sobre o aleitamento materno: encontros e desencontros*. Revista Paulista de Pediatria [Em linha]. São Paulo. Vol. 26, nº.4 (2008), p. 336-344. [Consult. 21-06-2012]. 155 p. Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v26n4/a05v26n4.pdf>>
- BRITTON, C.; MCCORMICK, F. M.; RENFREW, M. J.; WADE, A.; KING, S. E. – *Apoio para a lactancia materna (Revisión Cochrane traducida)*. Biblioteca Cochrane Plus, 2008 Número 4 [Em linha]. Oxford: Update Software Ltd. [Consult. 23-06-2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.update-software.com>. (Traduzida da *The Cochrane Library*, 2008 Issue 3. Chichester, UK: John Wiley & Sons, Ltd.).
- CALDEIRA, Antônio Prates; AGUIAR, Gabriel Nobre de; MAGALHAES, Weslane Almeida Cavalcanti; FAGUNDES, Gizele Carmem – *Conhecimentos e práticas de promoção do aleitamento materno em Equipes de Saúde da Família em Montes Claros, Minas Gerais, Brasil*. Cad. Saúde Pública [Em linha]. 2007, vol.23, n.8 [Consult. 17-07-2011], p. 1965-1970. Disponível em WWW: <URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000800023&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000800023>.
- CARDOSO, Lídia – *Aleitamento materno. Uma prática de educação para a saúde no âmbito da enfermagem obstétrica*. Braga: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2006. 195p. [Em linha] Dissertação de Mestrado em Educação sob a orientação do Professor Doutor José João Pinhações de Bianchi apresentada no Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho [Consult. 15-09-2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6680/1/L%25C3%25ADdiaCardoso%2520-%2520Vers%25C3%25A3o%2520Final.pdf>>
- COELHO, Clarisse Viana Alves – *Fatores que interferem e dificultam na duração do aleitamento materno: revisão da literatura*. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva Governador Valadares, 2010. 31f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em saúde da Família). [Consult. 20/07/2011]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2386.pdf>>
- COUTINHO, Joana; LEAL, Isabel Pereira – *Atitudes de mulheres em relação à amamentação: Estudo exploratório*. Aná. Psicológica [Em linha]. 2005, vol.23, n.3 [Consult. 20/07/2012], p. 277-282. Disponível em: WWW: <URL: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312005000300005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0870-8231.
- CURSO DE CONSELHEIROS EM ALEITAMENTO MATERNO EM PORTUGAL – *Aconselhamento em Amamentação: Um curso de treinamento. Manual do participante*. In World Health Organization & UNICEF (1993) Traduzido por Grupo de Formadores em Aleitamento Materno do Porto, 2007.
- FALEIROS, Francisca Teresa Veneziano; TREZZA, Ercília Maria Carone; CARANDINA, Luana – *Aleitamento materno: fatores de influência na sua decisão e duração*. Rev. Nutr. [Em linha]. 2006, vol.19, n.5 [Consult. 19-07-2012], p. 623-630. Disponível em:WWW:<URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732006000500010&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1415-5273. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732006000500010>.
- FRANÇA Maristela Cavalheiro Tamborindeguy [et al.] – *Uso de mamadeira no primeiro mês de vida: determinantes e influência na técnica de amamentação*. Rev. Saúde Pública [Em linha]. 2008, vol.42, n.4, p. 607-614 [Consult. 16-10-2011]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000400005&lng=en&nrm=iso>. Epub Apr 30, 2008. ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102008000400005>.
- GALVÃO, Dulce Garcia – *Formação em aleitamento materno e suas repercussões na prática clínica*. Rev. bras. enferm. [Em linha]. 2011, vol. 64, n. 2 [Consult. 11-10-2011], p. 308-314. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000200014&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0034-7167. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000200014>.
- HORTA, Bernardo L [et al.] – *Duração da amamentação em duas gerações*. Rev. Saúde Pública [Em linha]. 2007, vol. 41, n. 1 [Consult. 11-06-2012], p. 13-18. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n1/04.pdf>>
- LOTHROP, H. – *Tudo sobre amamentação*. Brasil: Paulinas Editoras. 2000.
- MARINHO, Carla Sofia Sousa Martins – *Os Profissionais de Saúde e o Aleitamento Materno: Um estudo exploratório sobre as atitudes de médicos e enfermeiros*. Dissertação de Mestrado em Psicologia de Saúde sob a orientação da Prof^a. Doutora Isabel Pereira Leal apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa, 2003.
- MARINHO, Carla; LEAL, Isabel, P. – *Os Profissionais de Saúde e o Aleitamento Materno: Um estudo exploratório sobre as atitudes de médicos e enfermeiros*. Psicologia, Saúde & Doenças. Lisboa. ISSN: 1645-0086. 5(1) (2004), 93-105.
- MINAGAWA Aurea T [et al.] – *Perfil do aleitamento materno em menores de 2 anos na cidade de Itupeva, SP, Brasil*. ALAN [Em linha]. 2005, vol.55, n.2, p. 132-139 [Consult. 17-07-2012]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.scielo.org/ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-06222005000200005&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0004-0622.
- NAKANO, A. M. S.; REIS M. C. G.; PEREIRA, M. J. B.; GOMES, F. A. – *O espaço social das mulheres e a referência para o cuidado na prática da amamentação*. Rev Lat Am Enfermagem 2007; vol.15, n.2, p.230-238 [Consult. 17-05-2012]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a07.pdf>
- PEREIRA, M. A. – *Aleitamento Materno: estabelecimento e prolongamento da amamentação. Intervenções para o seu sucesso*. Porto: [s.n.], 2004. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor em Ciências Biomédicas submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes – *Análise dos dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. 5ª ed. revista e corrigida. Lisboa: Edições Sílabo, 2008. ISBN: 978-972-618-498-0.

- PINTO, Tiago Vieira – *Promoção, Protecção e Apoio ao Aleitamento Materno na Comunidade Revisão das Estratégias no Período Pré-natal e Após a Alta*. Arq Med [Em linha]. 2008, vol.22, n.2-3 p. 57-68 [Consult. 15-08-2011]. Disponível em WWW: <URL: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-34132008000200005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0871-3413.
- RAMOS, Viviane Wagner; RAMOS, Juliana Wagner – *Aleitamento Materno, Desmame e Fatores Associados*. Ceres [Em linha]. Artigos de revisão bibliográfica; 2007; vol. 2, n. 1, p. 43-50 [Consult. 15-08-2011]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.nutricao.uerj.br/pdf/revista/v2/artigo4.pdf>>
- REIFF, M. I. & ESSOCK-VITALE, S. M. – *Hospital Influences on Early Infant-Feeding Practices*. Pediatrics, 76(6), 208-215. 1985.
- SANDES, A. R.; NASCIMENTO, C.; FIGUEIRA, J.; GOUVEIA, R.; VALENTE, S.; MARTINS, S.; CORREIA, S.; ROCHA, E.; DA SILVA, L. J. – *Aleitamento materno. Prevalência e Factores Condicionantes*. Acta Med Port 2007; 20, p. 193-200.
- SILVA, Bruna Turaça; SANTIAGO, Luciano Borges; LAMONIER, Joel Alves – *Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão integrativa*. Rev. paul. pediatr. [Em linha]. 2012, vol.30, n.1, p. 122-130 [Consult. 01-05-2011]. Disponível em WWW: <URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822012000100018&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-0582. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-05822012000100018>.
- SUSIN, L. R. O.; GIUGLIANI, E. R. J.; KUMMER, S. C. – *Influência das avós na prática do aleitamento materno*. Rev. Saúde Pública, [Em linha]. Abr 2005, vol.39, no.2, p.141-147. [Consult. 11-08-2011]. Disponível em WWW: <URL: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000200001&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000200001>.